



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MAGNA JANICLEIDE FREIRES DE LIMA**

**O APRENDIZADO DA LEITURA:  
UM GRANDE DESAFIO NO COTIDIANO ESCOLAR**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**

**MAGNA JANICLEIDE FREIRES DE LIMA**

**O APRENDIZADO DA LEITURA:  
UM GRANDE DESAFIO NO COTIDIANO ESCOLAR**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**



L732a Lima, Magna Janicleide Freires de.  
O aprendizado da leitura: um grande desafio do cotidiano escolar / Magna Janicleide Freires de Lima.- Cajazeiras, 2009.  
63f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Leitura - dificuldades de aprendizagem. 3. Leitura - metodologia de ensino. 4. Alfabetização e letramento. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

MAGNA JANICLEIDE FREIRES DE LIMA

**O APRENDIZADO DA LEITURA:  
UM GRANDE DESAFIO DO COTIDIANO ESCOLAR**

Monografia aprovada em 20/02/2009

*MariaJanete de Lima*

---

**Profa. Ms. Maria Janete de Lima  
(Orientadora)**



“[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 1996, p. 39).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço esse trabalho primeiramente a Deus, pela força, coragem e inteligência que me foi sucedida nas horas mais difíceis da minha vida universitária.

Agradeço também aos meus pais, irmãos e familiares pelo apoio e incentivo que me deram durante todo o curso.

À minha professora Maria Janete de Lima, que sempre me orientou da melhor maneira possível pelo tema no qual escolhi.

E a todas as minhas amigas, colegas e professores que fizeram parte da minha vida acadêmica durante esses quatro anos, compartilhando momentos fáceis e difíceis, que jamais serão apagados da minha memória.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho aos meus pais Antonio e Lindalva e aos meus irmãos Janiglaucia e Marcos que sempre acreditaram na minha força de vontade e estiveram do meu lado em todos os momentos do meu curso.

## RESUMO

O trabalho tem como tema: “o aprendizado da leitura”, devido ser um dos grandes problemas enfrentados pelas escolas, professores e alunos, persistindo assim cotidianamente em sala de aula. O mesmo torna-se de grande importância, partindo da constatação de que a aprendizagem começa muito cedo na vida das crianças e só torna-se mais evidente no ensino formal. O trabalho tem como objetivo geral, analisar as dificuldades de aprendizagem de leitura no cotidiano escolar, e como objetivos específicos: identificar os tipos de dificuldades de leitura pelos alunos em sala de aula, observar em quais conteúdos e disciplinas os alunos tem mais dificuldades de usar a leitura e analisar a metodologia do professor em sala de aula. As metodologias utilizadas durante a pesquisa foram o estudo de caso, observações e questionários aplicados com os gestores, professores e alunos da E. E. E. I. F. M. “João da Mata”. O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo começamos fazendo um resgate histórico da leitura na sociedade, bem como, abordando diversos conceitos de leitura, e de alfabetização e letramento. Já no segundo capítulo falamos das dificuldades de aprendizagem de leitura, definindo assim os fatores e causas que dificultam o aprendizado da leitura, falamos também um pouco do papel da escola e do professor, bem como, a sua formação no ensino da leitura. No último capítulo apresentaremos o percurso metodológico e a análise dos dados dos questionários dos gestores, professores e alunos e a análise do estágio. E por fim estão as considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

**Palavras- chave:** leitura, dificuldade, aprendizagem, conhecimentos.

## SUMÁRIO

Introdução-----	09
1º Capítulo: Leitura na sociedade-----	12
1.1 Resgate histórico da leitura na sociedade-----	12
1.2 Conceitos de leitura-----	14
1.3 Alfabetização e letramento-----	19
2º Capítulo: Dificuldades de Aprendizagem na Leitura-----	23
2.1 Fatores e causas que dificultam o aprendizado da leitura-----	29
2.2 Papel da escola-----	32
2.3 Papel do professor-----	35
2.4 A formação do professor no ensino da leitura-----	39
3º Capítulo: Percurso Metodológico e Análise dos Dados-----	42
3.1 Metodologia da pesquisa: Estudo de caso-----	42
3.2 Caracterização da Escola-----	42
3.3 Análise dos questionários dos gestores-----	43
3.4 Análise dos questionários dos professores-----	45
3.5 Análise dos questionários dos alunos -----	47
3.6 Análise do estágio-----	51
Considerações Finais-----	54
Referências Bibliográficas-----	56
Anexos	

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: “o aprendizado da leitura”, devido ser um dos grandes problemas enfrentados pelas escolas, pelos professores e pelos alunos, persistindo assim cotidianamente em sala de aula.

Esse trabalho torna-se de grande importância, partindo da constatação de que a aprendizagem começa muito cedo na vida das crianças e só torna-se mais evidente no ensino formal. Essas dificuldades podem estar no educando ou em seu ambiente escolar, com isso dependerá da metodologia e da didática que o educador emprega na sala de aula.

Esse estudo contribui em termos pessoais, para uma boa aprendizagem, um melhor desenvolvimento e aprimoramento dos nossos conhecimentos para sabermos atuar cotidianamente, pois para ser um profissional qualificado, é preciso ter uma boa formação pessoal. Já em termos profissionais, esse estudo contribui para que através dos nossos conhecimentos, possamos executar um bom trabalho, sabendo que a formação pessoal influencia na formação profissional. É necessário também o esforço, a qualificação e a compreensão por parte dos professores, para que as dificuldades de leitura sejam esclarecidas e trabalhadas em sala de aula, de maneira que as mesmas sejam amenizadas.

O referido trabalho tem como objetivo geral, analisar as dificuldades de aprendizagem de leitura no cotidiano escolar. E como objetivos específicos: identificar os tipos de dificuldades de leitura pelos alunos em sala de aula, observar em quais conteúdos e disciplinas os alunos tem mais dificuldades de usar a leitura e analisar a metodologia do professor em sala de aula.

A metodologia utilizada durante a pesquisa foi o estudo de caso, sendo assim uma pesquisa realizada em sala de aula. Além disso, também foram utilizadas observações em sala de aula a respeito do tema trabalhado.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Infantil, Fundamental e Médio “João da Mata”. Trabalhamos através do questionário que foi aplicado com a gestora e a co-gestora e com

quatro educadoras, trabalhamos também com quinze educandos do 4º ano através de perguntas simples no qual teriam que marcar com um x a resposta certa e com o complemento de palavras em frases, com relação à leitura.

As metodologias que foram utilizadas serviram de suporte e bastante aprofundamento do tema, visto que teoria e prática caminham juntas no processo de ensino - aprendizagem, uma complementando a outra.

Para uma melhor compreensão do tema o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo começamos fazendo um resgate histórico da leitura na sociedade, ou seja, com se deu o surgimento da leitura em nosso país e com se sucedeu durante o longo dos anos, bem como abordando diversos conceitos de leitura e de alfabetização e letramento existentes na sociedade brasileira, para isso tivemos como principais autores: Soares (2002 e 2006), Cagliari (1995), Bacelar e Cunha (2000), Geraldí (2005), Martins (1994), Teberosky e Colomer (2003), Tfouni (1995) e Kleiman (1998).

Já no segundo capítulo falaremos das dificuldades de aprendizagem de leitura, definindo assim os fatores e causas que dificultam o aprendizado da leitura, nesse capítulo além da presença dos autores citados anteriormente, contamos também com os estudos de alguns psicólogos como Fontana (1998), Sisto (2001), Oliveira (2001) e Boruchovitch (2001).

Também nesse mesmo capítulo falamos um pouco do papel da escola e do professor, pois estes são componentes essenciais para o desenvolvimento de aprendizagem dos educandos, bem como a formação do professor no ensino da leitura, que é essencial para que haja um bom ensino e uma boa aprendizagem, para isso nos baseamos nos estudos de Nóvoa (1992) e Lerner (2002).

No último capítulo apresentaremos o percurso metodológico e a análise dos dados, bem como a caracterização da escola, isto é, os principais dados da E. E. E. I. F. M. João da Mata que estão em seu PPP, serão apresentadas também as análises dos dados dos questionários dos gestores, professores, alunos e análise do estágio todos ancorados nas obras de alguns autores citados no

primeiro e segundo capítulo, e acrescidos de outros como, Dehzoicov (2007), Matos (2001) e Weisz (2002). E por fim estão as considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

Diante disso procuramos através desse trabalho, meios e métodos que possam desenvolver e viabilizar o aprendizado dos educandos com relação à leitura, de modo que haja um bom desempenho e um melhor crescimento por parte dos mesmos. E com a ajuda do educador e dos demais colegas, essas dificuldades sejam amenizadas ao longo do tempo.

## **1º Capítulo: Leitura na sociedade**

### **1.1 Resgate histórico da leitura na sociedade**

No Brasil, o ensino da leitura e escrita teve início em 1549 com a chegada dos jesuítas, eram eles os responsáveis por toda a educação do nosso país. Uma das suas tarefas principais era o trabalho educativo no qual significava ensinar aos filhos dos senhores de engenho a ler, escrever e contar.

Nessa época a educação era diferenciada pelas camadas e voltadas para a elite. A camada mais privilegiada era a classe dominante, para a classe trabalhadora era oferecida apenas um outro tipo de educação. Porém durante muitos anos pouco foi feito com relação à qualidade do nosso ensino, as autoridades sempre dava mais ênfase aos aspectos quantitativos do que aos aspectos qualitativos.

Juntamente com a educação que não era qualitativa, também a leitura daquela época nada tinha de proveitosa e poucos eram os privilegiados por ela. Também não haviam professores capacitados e quase não tinha preocupação do governo nessa área. Por não haver um investimento, um dos grandes problemas que aquelas pessoas enfrentavam era o analfabetismo.

Com o passar dos tempos o analfabetismo, juntamente com a educação em geral começou a ser amenizado, um grande número de pessoas aprenderam a ler e a escrever, só que a nossa sociedade foi se tornando centrada mais na escrita, do que na leitura. Essa era a perspectiva que se tinha antes, o alfabetizado, era aquela pessoa que somente sabia ler e escrever. Essas pessoas não incorporavam a prática da leitura e não adquiriam competências para usá-las em suas práticas sociais, não liam livros e tinham dificuldades em ler ou escrever uma simples carta. O ensino da leitura se baseava apenas no domínio das relações letra-som.

No Brasil, a partir da década de 70, os estudos sobre leitura, tiveram como contribuições, os campos da Lingüística, tais como a Psicolingüística e a Sociolingüística. Com o avanço dessas

áreas a leitura foi um pouco ampliada, e já foi possível pensar no aprender a ler não somente para ler, mas para aprender. Mas isso continuou sendo um pouco difícil, pois os professores achavam que não tinham subsídios e materiais diferentes e suficientes para o planejamento e realização de suas atividades.

No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita, o Brasil como é considerado um país pobre, seus índices de repetência estão ligados às dificuldades que as escolas têm, de ensinar as crianças e aos jovens a ler e escrever.

Foi devido a todos esses problemas que o Brasil enfrentou e continua enfrentando, que sempre existiram dificuldades de aprendizagem na sala de aula, tanto com relação à leitura, e interpretação de textos, quanto com a escrita. Soares (2006, p.13) aponta que “Há cerca de quarenta anos que não mais de 50% (freqüentemente, menos que 50%) das crianças brasileiras conseguem romper a barreira da 1ª série, ou seja, conseguem aprender a ler e escrever”.

Isso significa que desde essa época há quarenta anos atrás que continuamos nesse mesmo modelo de escolarização e quase nada foi feito com relação a essa área. A autora ainda complementa dizendo que:

[...] neste início do século XXI, o problema permanece; a diferença é apenas que, hoje os alunos não rompem a barreira do primeiro ciclo, que substituiu a 1ª série como etapa da alfabetização ou, no caso de sistemas que optaram pela progressão continuada, passam ao ciclo seguinte ainda não alfabetizados. (IBID, p. 14)

Segundo a autora nos dias de hoje o problema ainda continua existindo e que, se não está acontecendo tanta repetência como antes, é porque os professores estão passando os alunos de uma série para outra, sem que os mesmos tenham condições. Esse é um dos grandes problemas que vem acontecendo, por isso é que encontramos nos âmbitos das escolas brasileiras tantas crianças com dificuldades de aprendizagem na leitura. Para compreendermos melhor esse tema se faz necessário buscar em alguns autores, conceitos de leitura.

## 1.2 Conceitos de leitura

Leitura significa o caminho para o conhecimento, a descoberta de novas coisas importantes que são fundamentais para a vida pessoal, escolar e profissional, a partir dela aprofundamos e aprimoramos nossos conhecimentos. A leitura está presente em todo o ambiente, vindo desde a observação de coisas e fatos, da imaginação e da convivência, só que nesse caso é considerada uma “leitura de mundo”.

Cagliari (1995, p.150) diz que: “A leitura de mundo é obviamente uma metáfora, mas nem por isso deixa de ser algo tão importante para cada um quanto à própria filosofia de vida”. Isso significa que apesar de não ser formal, a leitura de mundo é importante para cada pessoa, e para que a mesma seja formal e ampliada é necessário o ingresso e convívio com o ambiente escolar.

Ainda complementa “Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado a leitura e depende dela para se manter e se desenvolver”. (Ibid, p.149) Concordando com ele, Bacelar e Cunha (2000, p.68) afirmam que “a leitura é um dos meios mais importantes na escola para a consecução de novas aprendizagens”.

Para esses autores acima citados, uma das coisas mais fundamentais que deve existir e ser praticada no ambiente escolar é o ensino da leitura, já que tudo irá depender dela. A leitura não é só importante para o ensino da língua portuguesa, mas para todas as demais disciplinas e para que haja um sucesso nas demais disciplinas se faz necessário o ensino e a prática da leitura cotidianamente em sala de aula.

Um conceito muito amplo de leitura está em Solé apud Bacelar e Cunha (2000) quando diz que:

Leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto. Isso acontece porque há a presença de um leitor que observa e interage com o texto, lendo e processando todas as palavras, frases e informações ali contidas, as mesmas possuindo algum significado para o seu conhecimento e aprendizado. (SOLÉ APUD BACELAR E CUNHA, 2000, p. 54)

Qualquer leitura que fazemos tem um significado seja de livros, jornais, revistas, propagandas, anúncios, entre outros, por isso se faz necessário o acesso a cada uma delas. E para aprendermos a ler corretamente, é preciso interagir com a diversidade maior que estiver ao nosso alcance de textos e escritos. Toda leitura começa pelos olhos e se amplia com a compreensão, pois a compreensão já significa o segundo passo da leitura, quando lemos e compreendemos um texto somos capazes de fazer inferências e modificações. Geraldi (2005) faz uma pequena crítica ao ensino da leitura nas escolas, afirmando que:

Infelizmente, é preciso novamente reconhecer que a leitura-estudo do texto é mais praticada em aulas de outras disciplinas do que nas aulas de língua portuguesa que, em princípio, deveriam desenvolver precisamente as mais variadas formas de interlocução leitor / texto / autor. (GERALDI, 2005, p.94).

Conforme o autor, a prática da leitura existe mais nas outras disciplinas, do que na sua disciplina específica que é língua portuguesa. Mas isso não quer dizer que a mesma não seja valorizada pelas demais, só que a sua maior ênfase deve estar em português, já que é onde se concentram as maiorias dos textos e requer a presença de um leitor que interprete e a partir daí construa seu próprio texto; e além do mais, é nessa disciplina que a leitura é mais cobrada. Isso requer uma prática bastante planejada por parte do professor e de toda a equipe pedagógica.

Cagliari (1995, p.150) a todo o momento explora o conceito de leitura, para ele: “ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimentos, de interiorização, de reflexão”.

Segundo o autor, através da leitura são assimilados e interiorizados novos conhecimentos, que entram em nossas mentes, nos levando a reflexão. Para ele a leitura se apresenta como atividade de interiorização de pensamentos e a escrita como atividade de exteriorização de pensamentos. O autor ainda considera a leitura como:

[...] uma decifração e uma decodificação. O leitor devera em primeiro lugar decifrar a escrita depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem, e finalmente refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. (CAGLIARI, 1995, p.150).

Conforme o autor, ler significa saber decifrar a escrita e decodificar todas as palavras existentes em qualquer texto, do mais simples até o mais complexo. Também significa refletir tudo o que foi lido, a fim de construir novos pensamentos e conhecimentos, pois uma leitura sem decifração não funciona e não dá nenhum significado e sentido para a aprendizagem.

Complementando o que Cagliari disse, Martins (1994, p.31-32 passim) aponta que: "Além disso, o debate" decodificação versus compreensão "parece estar se esvaziando. Ambas são necessárias à leitura. Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível".

Nesse caso é importante sabermos que a leitura também significa a compreensão e decodificação, e que ambas caminham juntas, uma não pode existir sem a presença da outra.

"A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele" (Ibid, p.32). Isso significa que através da imaginação, a leitura vai além do que lemos. E quando pegamos um texto, de acordo com seu título ou tema, mesmo sem ler, já formamos a idéia, conceito ou noção do que seja realmente. Daí quando lemos aquele referido texto, apenas aprimoramos e damos sentido ao que já tínhamos em mente.

Geraldi (2005, p. 92) aponta que: "Na leitura, o diálogo do aluno é com o texto". Isso acontece porque a sua atenção e interação vão ser com o texto e não com o professor. A leitura se realizará a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, este que poderá ser, escrito, ou através do gesto, imagem e acontecimento.

Para Martins (1994), a leitura se configura em três níveis básicos, são eles, sensorial, emocional e racional, os mesmos encontram-se inter-relacionados uns com os outros. A leitura sensorial é

aquela feita através dos cinco sentidos. Começa muito cedo e se estende por toda a vida, não é considerada uma leitura elaborada, mas uma resposta física às exigências que o mundo apresenta.

Já a leitura emocional desperta a curiosidade, provoca descobertas, lida com todos os nossos sentimentos e mexe com a nossa emoção. A leitura racional é a chamada leitura de “status letrado”, no qual temos contato com o texto escrito, nos debruçamos sobre ele e nos envolvemos com ele, e principalmente obedecemos às normas preestabelecidas. A predominância da leitura formal e um diálogo entre o texto e o leitor.

Ainda com relação à autora, a mesma diz que: “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo” (Martins, 1994, p.25). Isso significa que é através da leitura que se dá toda a formação da criança. A mesma é fundamental para todo processo de aprendizagem das pessoas.

Para Teberosky e Colomer (2003) a leitura deve iniciar desde a alfabetização, já que é onde inicia todo o processo de aprendizagem das crianças. E para isso se faz necessário um “ambiente alfabetizador”, no qual seja rico em materiais escritos em interações e em práticas de leitura.

Todo esse “ambiente alfabetizador”, no qual Teberosky e Colomer enfocam devem conter a prática da leitura compartilhada entre professor e aluno. Isso acontece através da leitura em voz alta feita pelo professor para crianças dos dois aos três anos; já para crianças dos quatro aos cinco anos, além da leitura em voz alta passa a acontecer uma interação maior da criança com o texto, elas já são capazes de produzir a história que escutaram. Para a autora:

As situações de interação cotidiana, quando se vai às compras, por exemplo, quando se guardam na cozinha as mercadorias adquiridas ou quando se prepara a refeição, podem ser uma oportunidade para aprender outras formas de classificar e interagir com o texto escrito. (TEBEROSKY E COLOMER, p.27).

Isso significa que, antes de ingressar na escola, as crianças já tem alguma noção do que seja a leitura, na convivência com pais, tios e avós que usufruem a prática da leitura; na compra de alimentos, roupas e demais coisas; no contato com jornais, revistas, rótulos e informáticas. Tudo isso influencia na construção da leitura para a criança, pois uma criança que é incentivada pelos pais e pela família e que convive diariamente com a prática da leitura, quando ingressar na escola não terá tantas dificuldades com relação à mesma.

Para Cagliari (1995, p.169) “além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar”. Complementando Bacelar e Cunha (2000, p.49) afirmam: “uma das condições necessárias para que a experiência de ler seja prazerosa é que a leitura satisfaça um propósito, isto é, seja significativa para o leitor. A significação e o interesse caminham juntos”.

De acordo com os autores, a leitura possui um grande valor, desde a alfabetização e se a criança gostar realmente e tiver interesse, esta lhe representará uma fonte de prazer, de realizações, influenciando de maneira positiva e proveitosa ao estudo e escola. Isso acontecerá com mais frequência, se na escola onde ela estude tiver bons textos, revistas livros infantis e demais recursos que á todo o momento chamem sua atenção, e que realmente seja um ambiente alfabetizador. Cagliari (1995, p.172) ainda complementa dizendo: “na escola, a leitura serve não só para se aprender a ler, como para aprender outras coisas, lendo. Serve ainda para se ensinar e treinar a pronúncia dos alunos no dialeto-padrão e em outros”.

A leitura é uma atividade que deve está sempre em prática, pois no mundo em que vivemos precisamos da formação de leitores competentes e escritores, estes que, por sua vez precisam ter sua origem no trabalho e na prática da leitura. Essa prática precisa ser aprofundada no ambiente escolar, e isso é um desafio que precisa ser amenizado em nossas escolas. Como nos diz Bacelar e Cunha (2000):

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isso é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas escolas que não conseguiram realizar essa aprendizagem. (BACELAR E CUNHA, 2000, p 63)

Como as autoras nos informam, ainda é um desafio muito grande para as escolas fazer com que os alunos leiam corretamente, não cometendo erros e seguindo toda a norma culta. É necessário que a leitura seja feita de forma correta, pois se isso não vier acontecer às pessoas não conseguem realizar uma aprendizagem proveitosa e satisfatória, isso os impedem de atuarem numa sociedade letrada.

Todos esses desafios enfrentados pelas escolas com relação á leitura, estão condicionados á perspectiva da cultura letrada. Para isso iremos conceituar e diferenciar um pouco essas duas palavras: alfabetização e letramento.

### **1.3 Alfabetização e letramento**

A palavra letramento surgiu no final do século XX, devido aos problemas que o Brasil enfrentou e continua enfrentando na leitura e escrita. As duas palavras alfabetização e letramento possuem uma diferença, na qual são entendidos que alfabetização é ação de ensinar/aprender a ler ou escrever, e letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler ou escrever, mas que cultiva e exerce as práticas sociais. O letramento é também o uso social da alfabetização; é saber codificar e decodificar os códigos lingüísticos para o processamento de informações.

Um adulto pode ser analfabeto e letrado, ou seja, que não sabe ler e escrever, mas que sabe usar a escrita, isso acontece quando ele dita uma carta para alguém escrever por ele. Da mesma forma acontece com uma criança, pode ainda não ser alfabetizada, mas ser letrada, isso acontece quando ela convive com pessoas letradas, que contam histórias e que exercem a

prática da leitura e da escrita para seus fins necessários, então essa criança já tem um certo nível de letramento.

Entretanto é muito difícil diferenciar o alfabetizado do letrado, pois os dois envolvem a leitura e a escrita, só que de maneiras diferentes. O que vemos mais nas escolas é o aluno apenas que sabe ler e escrever, mas que não sabe fazer o uso correto desses dois processos, portanto são alfabetizados, mas não são letrados. Então o desafio que se coloca hoje para os professores é o de conciliar esses processos de modo a assegurar aos alunos a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e a plena condição do uso da língua nas práticas sociais da leitura e escrita. Pois não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar, trata-se de alfabetizar letrando, interagindo esses dois processos em sala de aula.

Uma das formas de integrar alfabetização e letramento em sala de aula se dá através da leitura, já que é uma atividade que se realiza individualmente e se insere num contexto social. Abrange desde as capacidades desenvolvidas no processo de alfabetização até as capacidades que habilitam o aluno à participação ativa nas práticas sociais letradas e contribuem para seu letramento. O professor também precisa contribuir, fazendo leituras e discussões juntamente com os alunos, a respeito dos conteúdos e dos textos lidos.

Para Soares (2002, p.48) “Ler é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa[...]”, da mesma maneira “escrever é também um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente escrever o próprio nome até escrever uma tese de doutorado[...]”(SOARES,2002, p.48-49 passim).

Soares considera esses dois conceitos para ler e escrever, e para a autora se uma pessoa tiver todas essas características com certeza será uma pessoa letrada. A autora ainda conceitua a alfabetização como “Processo de aquisição do código escrito das habilidades de leitura e escrita” (Id. 2006,p, 15). Isso significa que a alfabetização é todo um processo de habilidades

básicas da leitura que levam à aprendizagem. Assim como a alfabetização, também o letramento envolve dois processos distintos que é ler e escrever.

Tfouni (1995, p.14) entende a alfabetização “[...] ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes”. A autora tem esses dois conceitos a respeito de alfabetização, esta que se encontra intimamente ligadas com as práticas escolares. Isso quer dizer que alfabetização e escolarização estão ligadas uma com a outra.

Giroux apud Tfouni (1995, p.17) diz que: “A relação entre alfabetização e escolarização torna-se clara se considerarmos que, embora a criança possa primeiramente entrar em contato com a linguagem através de sua família é principalmente na escola que a alfabetização se consuma”.

Dessa maneira entendemos que o ato de alfabetizar existe a partir do contato com as práticas escolares, nas quais a leitura exerce um papel fundamental. É a escola o local apropriado para o exercício da alfabetização, pois sem ela a mesma não existiria.

Assim como a alfabetização, Tfouni (1995, p.21-22 passim) conceitua o letramento como “[...] produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura”. Segundo a autora, o letramento é todo um resultado da Revolução Industrial, ou seja, de todas as mudanças que aconteceram e vem acontecendo desde aquela época aqui no Brasil. E com a tecnologia de hoje, a sociedade do conhecimento exige muito de todos nós, para isso se faz necessário o nosso envolvimento com a cultura letrada.

Martins (1994, p.34) aponta que: “enquanto permanecermos isolados na cultura letrada, não poderemos encarar a leitura senão como instrumento de poder, dominação dos que sabem ler e escrever sobre os analfabetos ou iletrados”. Isso significa que a leitura é o elemento principal para que haja uma cultura letrada na nossa sociedade. Nesse caso o letramento representa um instrumento de poder, daquelas pessoas que sabem sobre as que não sabem. Por isso precisamos

não apenas ser alfabetizados, mas letrados, se não seremos dominados pelos verdadeiros letrados. Mas isso também é um problema que as escolas enfrentam.

Soares (2002, p.58) chama atenção a esse ponto quando diz que: " No entanto, infere-se, de tudo o que foi dito, que o nível de letramento de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com as suas condições sociais, culturais e econômicas. É preciso que haja, pois, condições para o letramento".

Conforme a autora é necessário que haja condições necessárias e suficientes para que o letramento se realize, isso também porque depende de condições sociais, culturais e econômicas. Uma primeira condição seria uma escolarização real e efetiva da população. Outra condição seria a disponibilidade de material de leitura, que é outro fator que também impede nas crianças o letramento. Seria necessário que todos os alfabetizados tivessem acesso a um ambiente de letramento, para que todos eles possam entrar no mundo letrado, sendo verdadeiros leitores e letrados.

Para que isso aconteça os professores precisam também antes de tudo ter paixão pela leitura. Como nos diz Kleiman (1998, p.15) "Para formar leitores devemos ter paixão pela leitura". Isso significa que os professores são os espelhos para os alunos, por isso se realmente querem formar bons leitores, estes por sua vez, precisam ser apaixonados pela leitura.

## 2º Capítulo: Dificuldades de aprendizagem na leitura

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Para se desenvolver melhor precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que se estabelece e por meio do ambiente escolar. Portanto a aprendizagem começa muito cedo em suas vidas, e as dificuldades só tornam-se evidentes a partir do ensino formal. Esse é um dos problemas que acontecem no interior de nossas escolas: dificuldades de aprendizagem na leitura. Esse termo é definido por Sisto (2001) como:

[...] um grupo heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração e cálculo, em pessoas com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motores ou desvantagens culturais. (SISTO,2001, p.33).

Conforme a citação, as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas à leitura, escrita, soletração e cálculos, ou seja, a criança poderá apresentar dificuldades em um desses casos, podem também acontecer com mais de um deles, pois se isso vier a acontecer, a criança já apresenta problemas mais sérios não sendo somente pequenas dificuldades. Alguns psicólogos, como Fontana (1998, p.185) defende a idéia de que: “crianças são indivíduos e cada uma delas se desenvolve em seu próprio ritmo. Assim cada criança em algum ponto ou outro, provavelmente terá dificuldades de aprendizado em comparação com seus colegas de classe [...]”.

Conforme a defesa de Fontana, nem todas as crianças são iguais e nem sempre irão aprender de forma igualitária, mas durante o seu processo de aprendizado, poderão ou não apresentar dificuldades na leitura, isso não significa dizer que elas não sejam capazes de acompanhar as outras que não possuem nenhuma dificuldade. Poderão ser mais lentas para lerem e compreenderem textos e tarefas, mas durante o tempo, há possibilidades de alcançar o grupo desenvolvido.

O autor ainda aponta que “em nenhum momento dificuldades de aprendizado de qualquer natureza devem ser vistas exclusivamente como problema da própria criança. É um problema da escola e de todos envolvidos com criança”. (FONTANA , 1998, p.193).

De acordo com ele, essas dificuldades não são só de responsabilidades da criança, mas de todos que a rodeiam, envolvendo a instituição, o educador, os colegas, a família e o ambiente no qual as mesmas se encontram.

É importante sabermos que, crianças que possuem alguma dificuldade de aprendizagem na leitura não podem ser enganadas, mas sim, esclarecidas, pois envolve um processo muito difícil tanto para a criança que sofre junto com a família, como para o educador. O mesmo deve conhecer cada um de seus alunos e estar atento às dificuldades de cada um, para que essas não se transformem em um problema.

No âmbito escolar, percebemos que as crianças que passam por dificuldades na leitura, muitas vezes chegam a se afastar da escola, por medo de não aprenderem e muitas vezes por falta de incentivo da parte do educador. Soares (1986) faz uma pequena crítica às escolas, para ela:

[...] a escola não serve igualmente a todas as crianças: criança das classes favorecidas obtém sucesso, enquanto crianças de camadas populares enfrentam dificuldades de aprendizagem, fracassam, abandonam o sistema de ensino, mal iniciam o período de escolarização obrigatória. (SOARES, 1986, p. 30-31)

Conforme Soares, muitas crianças possuem dificuldades de aprendizagem, devido à diferenciação de educação, ou seja, para os filhos dos ricos há uma educação mais proveitosa, já para os pobres há uma educação mais desvalorizada. As crianças que freqüentam a escola, muitas vezes não conseguem desenvolver sua aprendizagem, de modo que as mesmas passam a ter dificuldades na leitura. E como a escola, juntamente com os professores não são bem qualificados e não há um incentivo por parte da família ou dos responsáveis, passa a acontecer a repetência e a evasão escolar, já devido a esses fatores citados.

Muitas vezes, as crianças das camadas populares, chegam a ser discriminadas, por não conseguirem desenvolver a sua aprendizagem. Mas isso não significa que crianças pobres irão sempre ter dificuldades na leitura, só que o índice maior está localizado nas camadas populares, devido às suas condições.

Sisto (2001,p.29) afirma que: “As dificuldades de aprendizagem tem servido para denominar basicamente os alunos com problemas em leitura”. Isso quer dizer que as dificuldades de aprendizagem estão mais concentradas no campo da leitura. Wong apud Sisto (2001,p.29) diz que:”60% dos alunos com dificuldades de aprendizagem tem dificuldades em leitura”. Isso significa um índice muito grande de crianças com problemas na leitura. Esse é um dos problemas que necessita ser superado em nossas escolas, pois se um aluno apresenta dificuldades na leitura, este vai passar por diversas dificuldades ao longo de sua aprendizagem. Para Cagliari (1995):

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. (CAGLIARI,1995,p. 148).

Entendemos que todo processo de aprendizagem depende da leitura. Esta que é fundamental para a formação dos alunos, e que se não for bem trabalhada desde as séries iniciais, poderá no futuro causar muitos prejuízos as pessoas. A leitura é ampliada e aprimorada no ambiente escolar e se estenderá durante toda a vida das pessoas.

O autor ainda complementa: “A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação é decorrente de problemas de leitura”. (Cagliari,p.148). Isso significa que se um aluno não for bem alfabetizado, não conviver em um ambiente de “letramento”, e não superar durante o tempo as suas dificuldades na leitura, esse

aluno vai chegar até mesmo em uma graduação ou pós-graduação com o mesmo problema de antes.

Se um aluno apresentar dificuldades em língua portuguesa, essa dificuldade poderá ser levada à outras disciplinas. Para Sisto (2001,p.35) “[...] a dificuldade de leitura pode levar a dificuldades com aritmética em exercícios cuja leitura e compreensão sejam necessárias”.

Entendemos que isso poderá acontecer, pois toda disciplina dependerá da leitura. No caso da matemática, o aluno muitas vezes não resolve o problema, não porque não sabe matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema. Ele sabe somar, subtrair, multiplicar e dividir, mas ao ler o enunciado não sabe o que fazer, nem com os números e a relação destes com a realidade.

Muitas vezes isso acontece porque ele não foi treinado a ler números e problemas de matemática. O professor de português não ensina, pois para ele, é obrigação do professor de matemática; e o professor de matemática acha que é um problema que o professor de português deve resolver desde os anos iniciais. Nesse sentido, os únicos prejudicados são os alunos e a todo o momento a escola, juntamente com os professores exigem que eles saibam e, muitas vezes, que “se virem” com rapidez em tempo curto.

Para isso, Cagliari (1995, p.149) afirma que: “Não basta ensinar só as relações matemáticas: é preciso ensinar também o português que a matemática usa”. Conforme Cagliari, é obrigação também do professor de matemática ensinar aos alunos à leitura e não somente os números e as relações matemáticas, como é o que vemos e o que acontece realmente nas escolas.

A leitura não é somente responsabilidade do professor de português, mas dos professores das demais disciplinas, pois todas elas requerem do aluno a leitura e o português de maneira correta. Assim como a dificuldade de leitura pode levar dificuldades na matemática, também poderá levar para as disciplinas de ciências, história, geografia e assim por diante.

Uma criança tendo dificuldades de leitura “[...] é preciso dar o tempo suficiente para que ela prepare a sua leitura vencendo as suas dificuldades” (Cagliari, 1995, p.170). De acordo com o autor o professor deve dar o tempo necessário para a criança superar as suas dificuldades. Mas para isso, ele precisa ajudar bastante e não desmotivar em nenhum momento o interesse do aluno.

Muitas vezes a maneira como a escola ensina aos alunos a leitura, através do “bê-á-bá”, ou seja, através das famílias silábicas poderá acarretar problemas muitos sérios para a formação do leitor. Isso porque o reconhecimento das letras faz parte do processo de decifração, não sendo uma leitura propriamente dita. “É apenas um estágio inicial da leitura” (IBID, p.170).

Esse é um dos fatores que dificultam nas crianças o aprendizado da leitura, principalmente no caso do “bê-á-bá” que é onde inicia todo o processo de aprendizagem das crianças. E já que existem dificuldades com relação à leitura, a mesma deve ser trabalhada e praticada cotidianamente em sala de aula.

Para Kato (1985, p. 04) “Outro aspecto que se observa nas escolas é a excessiva preocupação com a escrita e a pouca atenção que se dá ao desenvolvimento da leitura”. Ainda complementa: “Em outras palavras, se o professor ensinar o aluno a escrever, o aluno aprenderá automaticamente a ler” (Ibid, p. 05). Nesse sentido, entendemos que o professor ensina aos alunos mais a escrita do que a leitura, ou seja, ele espera que através da escrita, os mesmos aprendam a ler. Sem saber ele que é mais importante saber ler do que saber escrever. Mas nem por isso deve deixar de ensinar e praticar a escrita.

Concordando com Kato, Cagliari (1995, p. 68) aponta: “Dados os problemas sérios de repetição e evasão escolar, seria bom que a escola se preocupasse menos com a escrita, especialmente com a ortografia, e desse maior ênfase a leitura, desde a alfabetização”.

Conforme o autor é preciso bastante repensar esses procedimentos com relação a leitura e escrita na escola, dando um maior prestígio ao ensino e a prática da leitura que deve começar desde o início da alfabetização. Pois se um aluno apresentar dificuldade na leitura, provavelmente ele aprenderá o resto com dificuldades.

Para sermos bons leitores e não termos tantas dificuldades com relação a leitura, precisamos á todo momento está em contato com a mesma. Bacelar e Cunha (2000, p. 63) fazem uma pequena crítica a nós brasileiros, para elas, “[...] não utilizamos a leitura tanto quanto poderíamos e que, de qualquer forma não temos muito”.

Entendemos que o termo dificuldades de leitura pode está também associado ao fato de não utilizarmos com freqüência a prática e o hábito de ler cotidianamente; e ainda existe o fato de não existirem uma diversidade de livros ao nosso alcance. Apesar disso ainda acho: “Temos muitos livros o que não temos é o hábito da leitura” (grifo nosso).

Stipek apud Boruchovitch (2001) aponta que crianças que possuem dificuldade de aprendizagem em qualquer natureza podem ser desesperançosas. No caso da leitura “às vezes”, isso acontece, pois crianças que tem muito interesse em aprender, mas que tem dificuldade na leitura, passam a ser desesperançosas, devido ao fato de não conseguirem alcançar os seus colegas nas leituras e tarefas. Também muitas vezes são vistas como “burros” pelos colegas e até mesmo pelo professor. Uma criança que tem dificuldades na leitura e sendo discriminada e desmotivada dessa maneira na escola, já passa a acreditar no seu fracasso, além de, em alguns casos, abandonar a escola.

A escola muitas vezes, parte do princípio de que o problema está nos alunos e que somente eles poderão resolvê-los. Dessa forma, faz com que se percebam como os culpados da situação, levando-os assumir a culpa pela sua dificuldade. Além disso, existe o fato da escola ter uma enorme dificuldade de inserir determinados alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Para a escola e para o professor aqueles alunos que tem dificuldade na leitura não merecem nenhuma atenção especial, a atenção só são dadas àquelas consideradas evoluídas e inteligentes que não possuem nenhuma dificuldade, as outras ficam “isoladas”, já que atrapalham no desenvolvimento das demais.

Esse fato aponta para uma necessidade emergente de se redefinirem nas escolas as concepções de aprendizagem, de alfabetização, de aprendiz e, principalmente, como trabalhar com cada uma delas no seu meio.

## **2.1 Fatores e causas que dificultam o aprendizado da leitura**

Existem fatores que dificultam a aprendizagem da leitura nas crianças, no qual Fontana (1998) diz que são fatores físicos, pessoais, ambientais e emocionais. Entendemos que esses fatores influenciam para que ocorram dificuldades de aprendizagem de leitura nas crianças.

Nos fatores físicos, a criança pode sofrer de alguma doença que tenha causado longas ausências da escola, ou que lhe torne difícil realizar certas habilidades motoras associadas ao aprendizado, como no caso da dificuldade da visão de audição, de danos cerebrais que afetam sua coordenação motora, ou no caso da gagueira.

Os fatores pessoais estão relacionados à mudanças de escolas ou de classe, pois se uma criança tem dificuldades na leitura, e ficar mudando de uma escola para outra, seu problema pode ou aumentar, devido à problemas de adaptação com novos professores, programas, métodos de ensino, novos colegas e um novo ambiente; ou por outro lado diminuir, pois se for uma escola que saiba lidar com o problema da criança, esta com certeza irá superar suas barreiras.

Os fatores ambientais ocorrem no ambiente na qual a criança está inserida. Se a criança for de um ambiente familiar pobre, tendo a sua família desorganizada, onde há ausências de rotinas de estudos, no qual não existe a valorização da escola, ocorrendo mais atividades extra-escolares,

como esportes, excesso de televisão, etc, nesse caso se a criança tiver dificuldades na leitura a tendência é somente se agravar.

Além do mais, um ambiente desestimulante em que a criança não é incentivada para ler, em que não acha um espaço adequado para fazer as lições de casa ou estudar em silêncio, em que os valores são rejeitados, e até mesmo, a convivência com pais alcoólatras, ou pais separados e a falta de assistência no acompanhamento escolar.

E por último os fatores emocionais, estes podem ser por decorrência das crianças se sentirem rejeitadas por seus colegas ou professores de classe, e também muito exigidas nas leituras e matérias ensinadas pelo professor. Portanto todos esses fatores influenciam de uma maneira ou de outra, nas crianças as dificuldades de aprendizagem de leitura.

Já Soares(2006) aponta alguns fatores, esses que por sua vez, são considerados também causas para o fracasso escolar. E já que são consideradas causas para o fracasso escolar, de certa maneira poderão ser consideradas também causas para as dificuldades de leitura nas crianças. Para a autora o problema pode estar:

[...] ora no aluno (questões de saúde, ou psicológicas, ou de linguagem), ora no contexto social do aluno (ambiente familiar ou vivências socioculturais), ora no professor (formação inadequada, incompetência profissional), ora no método (eficiência/ ineficiência deste ou daquele método), ora no material didático (inadequação às experiências e interesses das crianças, sobretudo das crianças das chamadas populares), ora finalmente, no próprio meio, o código escrito (a questão das relações entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico da língua portuguesa) (SOARES, 2006, p.14).

Entendemos, que o problema e as dificuldades de leitura podem estar em um desses fatores ou até mesmo em mais de um deles. No caso do aluno, a dificuldade de leitura pode estar relacionada a algum problema de saúde individual que o mesmo possui; ou de natureza psicológica, ou lingüística. No caso do contexto cultural, diz respeito ao seu ambiente e

vivências. No caso do professor poderá ser uma formação inadequada e uma prática não planejada.

No método, acontece muitas vezes quando o professor baseia-se em um método tradicional, não procurando e nem se aperfeiçoando em um método construtivista, sendo assim sua didática deficiente e inadequada que não permite a criança construir o seu conhecimento. Além disso, no material didático que muitas vezes são poucos e não atende a demanda das escolas públicas brasileiras. E por fim no código escrito, que são as relações de fonologia com a ortografia.

Ainda com relação ao método da escola, este poderá dificultar a aprendizagem da criança com relação à leitura, se a mesma tiver dificuldade na percepção visual, métodos auditivos são mais indicados. Assim o professor, deve ter a capacidade de identificar o melhor para a criança utilizando, se possível, variação metodológica dentro da sala. É ele o mais apropriado para perceber se a criança possui dificuldades na leitura, já que exerce o principal papel na formação das crianças.

Atualmente na nossa sociedade uma criança que apresenta sérias dificuldades de aprendizagem na leitura é considerada uma criança “dislética”. A dislexia é um distúrbio caracterizado por dificuldades de aprendizagem na leitura, pois dis, significa dificuldade; e lexia, significa leitura, por isso significa dificuldades na leitura.

No caso da dislexia, a pessoa muitas vezes já nasce com ela; ou outras vezes pode ser adquirida em casos de acidentes graves, ou AVC quando a pessoa já está na fase adulta. Os verdadeiros disléticos seguem com suas dificuldades até a fase adulta, mas são consideradas pessoas normais. A dislexia não é considerada uma doença, mas um defeito na aprendizagem da leitura. O cérebro da criança dislética é normal, o que acontece é a falha do conhecimento.

Nas escolas, as crianças disléticas possuem as seguintes características: ler devagar e sempre evita ler e escrever; comete erros; confunde palavras; utiliza palavras vagas em um texto; tem

dificuldades de memorização; inverte letras como: p/b, t/d, c/g, j/ch/x, s/z, f/v, lh/nh, etc; omite letras como r; acrescenta s nas palavras; dentre outras características. Na educação infantil já é possível dizer se uma criança é disléxica ou não.

Diante de todas essas dificuldades que as escolas e os professores enfrentam com seus alunos no que diz respeito à aprendizagem da leitura, se faz necessário segundo alguns autores, conhecermos um pouco mais dos seus papéis, frente à essas dificuldades.

## **2.2 Papel da escola**

A escola como espaço social de acesso ao conhecimento tem como tarefa principal rever as suas práticas de ensino, frente a todas as dificuldades de aprendizagem de leitura existentes nos alunos. Para Bacelar e Cunha (2000)

[...] o problema do ensino da leitura na escola, não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura. da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-las e, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-las. (BACELAR E CUNHA,2000, p. 64).

Entendemos que, a escola muitas vezes não está nem um pouco preocupada com o ensino da leitura, o problema não está em seu método, mas na maneira como é vista e valorizada pelos professores e nas propostas que são adotadas para o ensino.

Um dos papéis da escola frente à essas dificuldades seria o desenvolvimento de projetos de leitura, esse que é construído com o apoio dos alunos, dos pais e de toda a equipe pedagógica. O projeto não significa dizer que resolve o problema da dificuldade de leitura, mas se for bem feito, pode influenciar bastante no desenvolvimento do aluno com relação à leitura. Através do projeto o aluno pode descobrir o prazer da leitura, se interessando mais e acreditando que com o tempo poderá superar as suas dificuldades.

A escola também envolve um dos aspectos sócio-culturais para o aprendizado de uma criança, então cabe a ela identificar se uma criança possui dificuldades de leitura ou não. Para Fontana (1998,p.186): “Tendo identificado que uma criança apresenta dificuldades de aprendizado, a tarefa seguinte da escola é ter essa identificação confirmada pelo uso de testes de realização, e estabelecer porque a criança está com problemas”.

Com a afirmação de Fontana percebe-se que, cabe a escola, juntamente com o educador quando identificadas as dificuldades existentes, desenvolver testes que confirmem mesmo se a criança possui um baixo grau de aprendizado, aconselha-se que seja utilizado um teste de inteligência, a fim de que sejam esclarecidos quais os motivos e circunstâncias que a dificultam no seu aprendizado.

Esse teste de inteligência deve ser mais utilizado no caso da dislexia, para se ter realmente a certeza se a criança é disléxica ou não. Para isso seria necessário que existisse um psicólogo na escola, mas sabemos que são poucas as privilegiadas com isso, e como a maioria delas não tem esse privilégio, o cargo fica para o professor, este que além de ser educador precisa ser também psicólogo.

Nesse sentido, as escolas também precisam fazer a sua parte, capacitando professores, colocando no cargo pessoas que tenham formação inicial completa para lidar com crianças nos anos iniciais, promovendo reuniões, palestras, planejamentos, buscando recursos com as secretarias estaduais e municipais, dentre outras coisas que são essenciais ao seu desenvolvimento.

Muitas dificuldades de aprendizagem de leitura nas escolas, podem estar associadas ao fato de os alunos não terem acesso aos diversos tipos de leitura, se adaptando somente ao livro didático. Diante disso, Cagliari (1995,p.177) faz uma crítica dizendo: “As escolas precisam ter uma biblioteca com livros de consulta e com livros de livre circulação”.

De acordo com o autor entendemos que seria importante e muito proveitoso para as escolas, o acesso a uma biblioteca, com variedades de livros, revistas, etc. Isso influenciaria bastante no interesse dos alunos pela leitura, e até mesmo, com diversos tipos de leitura o aluno poderá até mesmo superar as suas dificuldades.

Concordando com Cagliari, Teberosky e Colomer (2003) dizem que é importante para a criança o acesso a diversos tipos de leitura na sala de aula, isso facilitará sua aprendizagem e o seu desenvolvimento com relação à mesma. Nesse sentido, mesmo se a escola não possui a biblioteca o professor em sala poderá formar uma pequena biblioteca, com os livros que ali possuem.

É necessário, pois, constituir um acervo de livros que funcione como um referente coletivo e permitir-se ao mesmo tempo, com uma margem mais ou menos ampla, a novidade e a experimentação, mantendo sempre ativos aqueles livros que satisfazem plenamente as necessidades literárias das crianças [...] (TEBEROSKY E COLOMER, 2000, p.47)

Conforme a citação, também se faz necessário que os livros sejam selecionados, de maneira que satisfaça às necessidades literárias das crianças. Só que isso é um pouco difícil, pois os livros que existem nas escolas, são enviados pelo mercado editorial e aumenta cotidianamente ano após ano.

Não é necessário somente que as escolas tenham bibliotecas, mas que possibilite as crianças o acesso à mesma. Pois ainda existe o fato de algumas escolas terem bibliotecas, mas guardarem seus livros trancados.

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com esta finalidade (BRASIL, 1997, p.30).

Nesse sentido, entendemos que é papel da escola possibilitar aos alunos o acesso a todos os tipos de leitura existentes na escola, ensinando de maneira adequada a interpretação e a produção de textos, para que os mesmos não tenham tanta dificuldade. Esse ensino da leitura não deve existir somente nas aulas de português, mas nas aulas das demais disciplinas. Só que esse é mais um dos problemas enfrentados, pois os professores não realizam esse trabalho em sala, e ainda acham que a leitura só deverá ser trabalhada nas aulas de português. Martins (1994) faz uma crítica ao ensino da leitura nas escolas, para ela:

O que é considerado matéria de leitura na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pequenas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. (MARTINS, 1994, p. 28)

Isso significa que o ensino da leitura nas escolas está um pouco longe de atingir as necessidades dos alunos, isto é, de propiciar uma aprendizagem qualitativa para que os mesmos não passem por tantas dificuldades, nem sofram tantas conseqüências. Diante de tudo o que vimos, cabe às escolas repensarem mais um pouco o seu modelo de “fazer” escola, frente a todos os desafios que a realidade apresenta esses que por sua vez, são muitos e exigem da escola diversos papéis frente às dificuldades de leitura nas crianças.

Associada ao papel da escola, está o papel do professor, este que, também precisa repensar mais um pouco na sua prática profissional.

### **2.3 Papel do professor**

O professor, como principal responsável pela aprendizagem da leitura nas crianças, deve exercer diversos papéis em sala de aula. Para Oliveira (2001, p.83): “Os professores, por seu lado, tem um papel importante na medida em que auxiliam o seu aluno a crescer, dando-lhe pequenas responsabilidades, ensinando-o a lidar com as regras e não se deixando “envolver” nas pequenas artimanhas[...]”.

Isso significa que é ele o membro principal para o crescimento das crianças no ensino da leitura, é também o mais indicado para perceber se existem crianças que apresentam alguma dificuldade na leitura em sala de aula. “Tendo diagnosticado as razões do atraso no progresso escolar de uma criança, o professor está a meio caminho de oferecer as soluções” (Fontana,1998,p.192). Nesse sentido, entendemos que se o professor perceber que a criança é atrasada e possui alguma dificuldade na leitura, o mesmo deverá investigar a situação da criança e oferecer as melhores soluções possíveis.

Nesse caso o professor deve desenvolver métodos de aprendizagem eficazes para que possam amenizar nas crianças as suas dificuldades. Poderá desenvolver aulas não só na classe, mas, por exemplo, na biblioteca, na sala de leitura, no laboratório, etc.

Boruchovitch (2001, p. 53) baseia-se na teoria de alguns estudiosos e chega a conclusão de que “o professor pode contribuir sobremaneira para atenuar as dificuldades de aprendizagem e aumentar a motivação de seus alunos”.

Nesse momento Boruchovitch explica que a contribuição do professor é de fundamental importância para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, aumentando a sua criatividade e motivação. Para que isso aconteça, se faz necessário que o educador aborde e aplique temas dinâmicos que venham desenvolver um trabalho pedagógico que auxilie o educando a tomar consciência de suas dificuldades, como um desafio no processo escolar e não como um fracasso.

Os professores precisam estabelecer metas apropriadas para lidar com crianças com dificuldades na leitura, organizar o tempo da aula, escolher as melhores atividades nos quais os sucessos das crianças possam ser vivenciados, verificar se as mesmas estão compreendendo as atividades, explorar em todas as disciplinas a prática da leitura, dentre outras atividades, pois só eles poderão fazer isso, já que faz parte de suas funções. O autor ainda complementa:

“É essencial que professores comprometam-se com o crescimento do aluno e o auxiliem, cada vez mais, a assumir responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem”(MC COMBS E POPE APUD BORUCHOVITCH, 2001,p. 55).

Dessa forma, a responsabilidade do processo de ensino-aprendizagem está mais centrada nas mãos do professor, do que nas mãos do aluno. Pois é partindo do seu ensino que o aluno irá crescer em termos de aprendizagem e de conhecimento. Para Teberosky e Colomer (2003)

O professor tem, além disso, a responsabilidade de organizar atividades nas quais se desdobre um jogo de participação ativo, rico em relações sociais: atividades de leitura e de escrita compartilhados, situações de discussão e argumentação... elementos essenciais para a co-construção do conhecimento.(TEBEROSKY E COLOMER, 2003 p, 78).

Isso significa dizer que são muitos os desafios do professor frente ao ensino e as dificuldades de leitura, e acima de tudo ele precisa ser também um educador “construtivista”. Como o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças são processos de construção de conhecimentos, é importante sabermos que essa construção não ocorre por acaso, mas em um contexto social, na interação com outros participantes. Nesse sentido a construção se transforma em co-construção de conhecimentos. Tudo isso gira em torno de uma perspectiva construtivista.

Como a leitura se trata de uma prática social, isso significa que devem trabalhar com a diversidade de objetivos, de modalidades de textos que caracterizam as práticas de leitura em sala. Deve também possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras, para que os mesmos não sejam obrigados a ler apenas o que lhe é cobrado.A leitura não deve ser uma atividade secundária, na qual a professora dedica apenas alguns minutos, mas “a maior herança legada pela escola aos alunos” (CAGLIARI, 1995, p. 173).

Existem diversos tipos de leitura nos quais o professor deve trabalhar com seus alunos. A leitura diária, que pode acontecer de forma silenciosa, individualmente, em voz alta ou pela escuta de alguém que lê; leitura colaborativa trata-se de uma estratégia didática para a formação

de leitores, pois o professor lê com a turma e, durante a leitura, pede que os alunos atribuam sentido ao texto; atividades seqüenciadas e permanentes de leitura, em que os alunos escolhem o que desejam ler, levam o material para casa, estudam, para depois fazer a leitura em voz alta na classe; e leitura feita pelo professor, que são leituras de livros em capítulos, que possibilita aos alunos o acesso á textos longos e difíceis que dificulta um pouco de lê-los sozinhos. Kleiman (1998) fala bastante em estratégias de leitura, para ela:

[...] o professor precisa definir tarefas cada vez mais complexas, porém passíveis de resolução desde que ela tenha a orientação de um adulto ou de colega mais proficiente. Aos poucos, o professor vai retirando os suportes, e a criança redefine as tarefas para si própria, constituindo-se aí a aprendizagem de estratégias de leitura. (KLEIMAN,1998,p. 09).

Nesse sentido, é importante que o professor desenvolva estratégias de leitura, para que os alunos se interessem mais e que não tenham tantas dificuldades de utilizá-las em seu cotidiano. Ainda complementa: “Tanto estratégias como habilidades são necessárias, porém não suficientes, para realizar o ato de ler” (Ibid, p.49). Nesse caso, entendemos que não são suficientes, mas que, de alguma forma contribuem para o interesse dos alunos pela leitura. Em sala o professor precisa ser também um bom leitor, ter gosto pela leitura e ler corretamente, pois acriança irá se aperfeiçoar na pessoa dele. Para Teberosky e Colomer (2003):

O professor deve fazer com que as crianças “entrem” no mundo do texto, que participe da leitura de diversas maneiras: olhando as imagens enquanto o professor lê o texto, aprendendo a reproduzir respostas verbais, imitando o escutado anteriormente, memorizando histórias, incorporando traços lingüísticos dos discursos escritos. (TEBEROSKY E COLOMER 2003, p.127).

Isso significa que, todos esses fatores citados são maneiras das crianças participarem do mundo da leitura em sala de aula. Esta que é interagida com textos escritos, através da mediação do professor que lê em voz alta. Além da leitura feita pelo professor em sala, também a leitura feita em casa pelos pais, tios ou avós, influencia no aprendizado das crianças, e se for interagida influencia ainda mais. Uma leitura feita com interação é muito importante, pois abre espaço para que as crianças possam participar ativamente, não sendo apenas ouvintes passivos.

Ainda existem formas atrativas de trabalhar a leitura em sala de aula. Dalla Zen (1997) cita algumas como: trabalho com crônica; leitura de revistas; leitura de livros de literatura infantil; leitura através do processo “cloze” e leitura através de “busca de palavras”, etc.

Para que os professores realizem todas essas estratégias citadas, os mesmos deverão estudar e pesquisar muito, e, além disso, procurar a cada dia se aperfeiçoar mais com a realidade dos fatos, e com os problemas de leitura que existem no cotidiano escolar, e principalmente ter uma boa formação.

#### **2.4 A formação do professor no ensino da leitura**

Para trabalhar com o ensino da leitura, os professores precisam antes de tudo ter uma formação. Esta que pode ser adquirida em cursos de formação inicial e cursos de capacitação ou formação continuada. Como hoje, são muitos os desafios postos às escolas e aos professores, estes precisam estar a todo o momento atualizando-se às novas exigências.

Para Nóvoa (1992, p.26) “A formação dos professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão”. Dessa maneira entendemos que é através dos cursos de formação de professores que acontecerão mudanças na educação escolar, pois não se formam apenas professores, mas uma profissão que deve ser repensada e refletida criticamente, tanto na teoria, quanto na prática. O autor ainda complementa:

Os modelos profissionais de formação de professores devem integrar conceptualizações aos seguintes níveis: (1) Contexto ocupacional; (2) natureza do papel profissional; (3) competência profissional; (4) saber profissional; (5) natureza da aprendizagem profissional; (6) currículo e pedagogia . (ELLIOTT APUD NÓVOA, 1992, p. 26).

Isso significa que são vários níveis envolvidos na formação de professores, e é importante sabermos que nenhum deles acontecem isoladamente, mas em relação com os demais. E em nenhum momento adianta uma boa formação da parte do professor se não houver uma integração desses segmentos.

Lerner (2002, p. 32) afirma: “Não bastará então capacitar os docentes será imprescindível também estudar quais são as condições institucionais para a mudança [...]”. Nesse sentido entendemos que a formação e a capacitação dos professores são muito importantes para o ensino da leitura, porém não são suficientes. Pois também é necessário estudar todos os mecanismos que existem no interior das escolas, no que diz respeito às dificuldades dos alunos na leitura e escrita e as mudanças pedagógicas e curriculares.

A autora ainda complementa: “É necessário introduzir modificações no currículo e na organização institucional, criar consciência em relação a opinião pública e desenvolver a pesquisa no campo da didática e da leitura e da escrita”. (Ibid, p. 38). Isso significa que a escola também precisa interagir com a formação dos professores, suas propostas e o seu currículo também como os dos professores, precisam estar voltados para a formação de leitores. E desde o princípio deve favorecer as crianças, situações de leitura e escrita em que todos participem e vivenciem.

Além da formação dos professores, a escola precisa abrir espaços de discussão, no qual permitam aos professores confrontarem suas experiências em equipe. Essas discussões se forem bem feitas abrirá espaço para a elaboração de projetos institucionais e para a realização de um bom trabalho em sala de aula. Como vimos, a formação não caminha sozinha, é necessário o papel da escola, e principalmente, que essa formação seja posta em prática, pois de nada serve somente a teoria, sem a prática, visto que teoria e prática caminham juntas no processo de ensino-aprendizagem.

Ainda para Lerner (2002, p. 44) “Se se quer, de verdade, criar uma mudança profunda, é também imprescindível recolocar as bases da formação dos professores e promover a valorização social de sua função”. Nesse sentido entendemos que a mudança é possível, se antes de tudo, houver uma boa formação da parte dos professores, se a escola conciliar com essa formação e se os docentes forem reconhecidos socialmente pelo seu trabalho, tanto pelo ponto de vista econômico, como do ponto de vista da valorização que toda a comunidade escolar tem pelo seu trabalho prestado em favor da educação. Também é muito importante para a formação do professor, o conhecimento didático, que para Lerner (2002)

Dois fatores foram essenciais para avançar na análise da situação e para produzir progressos no trabalho de capacitação dos docentes: a conceitualização da especificidade do conhecimento didático e a reflexão sobre nossa própria prática como capacitadores (LERNER, 2002 p. 104)

Conforme a citação entendemos que o saber didático é muito importante, pois é resultado das interações entre professor, aluno e objeto de ensino, é produto das relações entre ensino e aprendizagem dos conteúdos. Juntamente com o saber didático está a prática dos capacitadores, que realizando melhor os seus cursos de capacitação, estarão aptos a responderem questões e indagações vindas da parte dos professores. Para Nóvoa (1992).

A formação deve construir-se a partir de uma rede de comunicação, que não deve reduzir ao âmbito dos conteúdos acadêmicos, incluindo também os problemas metodológicos, pessoais e sociais, que continuamente, se entrelaçam com as situações de ensino. (NÓVOA, 1992, p. 119).

Isso significa que a formação do professor não é suficiente para a mudança na educação brasileira, pois encontra-se entrelaçada à vários níveis, esses que precisam estar interligados uns com os outros no âmbito escolar, mas que se forem bem trabalhados e sistematizados coletivamente, com certeza provocará uma mudança profunda no ensino escolar brasileiro, principalmente, no que diz respeito ao ensino da leitura.

### 3º CAPÍTULO: PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS

#### 3.1 Metodologia da pesquisa: Estudo de Caso

Para um melhor esclarecimento e aprofundamento do tema: O aprendizado da leitura trabalhamos com o estudo de caso, que para Matos (2001, p. 58) “Utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos”.

No decorrer da disciplina trabalhamos com a observação, que para Matos (2001, p. 59) “[...] mesmo quando não segue um rígido planejamento, possibilita o acesso direto à informação e ajuda, em muitos casos na delimitação do problema e delineamento da pesquisa”.

E para compreendermos melhor a ação dos gestores, professores e alunos da Escola Estadual de Ensino Infantil, Fundamental e Médio “João da Mata”, sobre o tema trabalhado, aplicamos o questionário, que para Matos (2001, p. 60) “Essa técnica de investigação consiste em que, sem a presença do pesquisador, o investigado responda por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente ou enviado pelo correio”.

#### 3.2 Caracterização da Escola

A Escola Estadual de Ensino Infantil, Fundamental e Médio “João da Mata” está localizada na Praça José Ferreira de Queiroga, sem número, centro, Pombal-PB. A clientela atendida por essa unidade de ensino tem os poderes aquisitivos de baixa renda, recebendo em média um salário mínimo mensal. Essa renda serve de sustentação para suprir as necessidades básicas de cada família.

Do alunado atendido apenas um pequeno percentual trabalha. Desse número são poucos os que recebem o salário mínimo. A fonte de emprego restringe-se ao comércio, domicílios e micro empresas.

Adotando a Pedagogia de Projetos, a Escola desenvolve suas ações de forma cooperativa, com o objetivo de atender as necessidades dentro do âmbito escolar e da realidade que está inserida a sua clientela, com a participação de professores, supervisores, funcionários, representantes da Associação de Pais e Mestres, Conselho Escolar, Conselho de Classe e representante da comunidade do bairro.

A linha filosófica e pedagógica da Escola, em sua parte normativa, é pautada nos PCNs, LDB, e DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO, cujos princípios norteiam a educação, para respeitar a adversidade social e cultural do educando. A Escola delinea suas ações considerando o processo evolutivo da sociedade, com fundamentos nas pedagogias que mais se adequam ao momento educacional, tais como: Pedagogia de Projetos, Crítico-Social dos Conteúdos e Educar pela pesquisa.

A Escola trabalha em favor de uma gestão participativa, onde as diretrizes são traçadas em conjunto escola-comunidade e uma representação de alunos através dos representantes de classe.

Os profissionais dessa instituição participam ativamente das decisões da Escola, fato que enaltece o desenvolvimento global da instituição. Vale salientar que o projeto dessa Escola é funcional e atende em parte os objetivos propostos. Tendo em vista que os pais já freqüentam e assumem compromissos, desenvolvendo parcerias em benefício dos estudantes.

### **3.3 Análise dos questionários dos gestores**

O questionário foi respondido pela gestora e co-gestora da Escola Estadual de Ensino Infantil, Fundamental e Médio “João da Mata”, ambas formadas em Pedagogia. E que fazem mais de vinte e cinco anos que trabalham na área de educação.

No questionário foram feitas quatro perguntas. Na primeira pergunta, perguntamos se nessa escola já foi desenvolvido algum projeto sobre leitura, e se houve, quais os resultados. Ambas responderam que na escola está sendo desenvolvido um projeto de leitura, desde 2006 e que estão dando continuidade até o presente momento. Com relação aos resultados, responderam que estão

sendo bastante proveitosos, pois os alunos têm se mostrado cada vez mais interessados, atenciosos e colaboradores com a leitura.

No que diz respeito à realização de projetos, entendemos que é muito importante a escola desenvolver, pois se o mesmo for bem feito e trabalhado, influencia bastante no desenvolvimento dos alunos com relação à leitura.

Na segunda indagamos como a escola enfrenta o tema: dificuldades de aprendizagem de leitura. As mesmas responderam que a escola enfrenta esse tema discutindo o alto índice de reprovação em língua portuguesa, elaborando ações pedagógicas direcionadas à leitura, participando de concursos literários a nível Nacional, e principalmente a escola procura trabalhar com seus alunos as suas dificuldades, já que significa um ponto de partida para a aprendizagem de cada educando. Complementando o que foi respondido pelas gestoras, entendemos que é papel da escola trabalhar com as dificuldades de cada aluno.

A terceira pergunta foi como a escola prepara os professores para lidar com esse tema. As mesmas responderam que a maioria dos professores fazem cursos de capacitação. Também reúnem-se uma vez por semana para preparar a aula semanal, por ocasião do Planejamento didático semanal. A escola também dispõe de alguns recursos para uma boa aprendizagem, como retroprojetor, videoteca com vídeos educativos, sala de computação e de leitura e o cantinho da leitura. Só não sabemos se realmente os professores usufruem desses materiais, e se tem algum significado para o educando.

Na escola também existe uma biblioteca com bastantes livros. Para Cagliari (1995, p. 177) “As escolas precisam ter uma biblioteca com livros de consulta e de livre circulação”. De acordo com as respostas dadas a essa terceira questão, entendemos que na escola existem os planejamentos coletivos e que os professores além de terem cursos de formação inicial, participam de cursos de capacitação que por sua vez são considerados cursos de formação continuada. Dehzoicov (2007, p. 31), chama atenção a esse ponto quando afirma que: “Os desafios do mundo contemporâneo, particularmente os relativos às transformações pelas quais a educação escolar necessita passar, incide diretamente sobre os cursos de formação inicial e continuada de professores [...]”.

Dessa forma entendemos que de acordo com as transformações que ocorrem no dia-a-dia com a educação escolar, se faz necessário que o professor tenha formação inicial e continuada.

A quarta pergunta foi sobre as reuniões com os pais para o esclarecimento desse tema. Responderam que sim, as reuniões são realizadas para a turma com a presença dos pais e dos professores. E este ano de 2008, está buscando uma parceria com os pais, para o apoio de todos os segmentos, de modo que promovam uma boa aprendizagem para os alunos.

Nesse sentido entendemos que é papel da escola realizar reuniões com os pais, para que os mesmos não se sintam distantes do aprendizado de seus filhos. Mas apesar de todos os esforços da equipe pedagógica da escola, existem muitos pais que não participam e não dão valor a escola, só a procura no final do ano para saber se o filho passou ou não

### **3.4 Análise dos questionários dos professores**

Os questionários foram respondidos por quatro professoras, duas delas fazem mais de vinte anos que trabalham na área de educação e duas, apenas cinco anos. Todas têm o Pedagógico e o Curso de Pedagogia, uma delas está cursando Letras à distância. O questionário era composto por quatro questões que se referiam ao tema: o aprendizado da leitura.

Na primeira pergunta perguntamos se na sala onde trabalham existem alunos com alguma dificuldade de leitura. Todas responderam que sim, devido ao fato de não gostarem muito de ler, não compreenderem o que está escrito, e a falta de indisciplina por parte de alguns, que de certa forma influencia para que os mesmos tenham dificuldades na leitura.

Diante da resposta dessa questão, vale lembrar que se os alunos não gostam de ler, é dever do professor fazer com que os mesmos tenham gosto pela leitura. Como afirma Bacelar e Cunha (2000, p.49) “uma das condições necessárias para que a experiência de ler seja prazerosa é que a leitura satisfaça um propósito, isto é, seja significativa para o leitor. A significação e o interesse caminham juntos”. Nesse sentido entendemos que se a criança for estimulada a ler e tiver acesso a tipos de leituras diversas, esta lhe representará uma fonte de prazer.

Já na segunda pergunta indagamos como os professores vêem esse tema na prática pedagógica. Uma delas respondeu que muito bom, pois é através das dificuldades de leitura que o aluno conquista o seu próprio espaço, ou seja, adquire conhecimento para a sua vida. Outra respondeu que era preocupante, porque quando a criança tem dificuldades na leitura, muitas vezes desperta reação de antipatia e recusa pelo seu hábito. As outras duas professoras responderam que viam como um tema complicado, devido a ser uma coisa muito presente em sala de aula e que acontece à anos, deixando os educadores bastante preocupados por uma busca constante de subsídios para amenizar esse problema.

Com relação às respostas dadas pelas professoras podemos dizer que todas são verdadeiras e que é um desafio para o professor, pois trata-se de um tema que envolve muitos fatores complexos.

Na terceira pergunta questionamos qual metodologia seria mais adequada para utilizar em uma turma onde possui alunos com dificuldades na leitura. Todas responderam que as metodologias deveriam ser variadas, como a prática da leitura e escrita, acesso a leituras ou textos informativos retirados da Internet, leitura através de rótulos e de fatos que estejam ligados a sua realidade. Duas professoras complementaram que uma boa relação afetiva entre professor e aluno é indispensável para a amenização dessas dificuldades, e que é muito importante a troca de experiências com outros professores para a escolha de uma boa metodologia.

Isso significa que no decorrer das aulas e dos problemas, o professor deve criar metodologias diversas em que todos os alunos participem. Dalla Zen (1997) diz que o professor deve criar metodologias diferentes para lidar com as crianças. Complementando, Teberosky e Colomer (2003, p. 78) afirmam que “o professor é o responsável por oferecer à criança as oportunidades de interagir com o escrito, de consultar programas, de fazer listas, de decidir o que fazer examinando o que está escrito”. Dessa forma entendemos que é muito importante que a criança tenha acesso a diversos tipos de textos, e de metodologias que venham a contribuir com o seu processo de aprendizagem.

A quarta pergunta foi qual seria o papel do educador frente à essas dificuldades, uma delas respondeu que deveria ser tranqüila, afetuosa, mas firme. As demais responderam que seria dar

ênfase a leitura e incentivá-lo, buscando meios necessários que venham facilitar esse processo de leitura, novas técnicas, metodologias e variedades de materiais.

Isso significa que o educador deve exercer diversos papéis em sala de aula, como nos diz Boruchovitch (2001, p. 53) “o professor deve contribuir sobremaneira para atenuar as dificuldades de aprendizagem e aumentar a motivação de seus alunos”. Nesse sentido entendemos que é de fundamental importância à contribuição do professor para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, também é seu dever aumentar a criatividade e motivação de seus alunos.

### **3.5 Análise dos questionários dos alunos**

Na Escola Estadual de Ensino Infantil, Fundamental e Médio “João da Mata” trabalhamos com quinze alunos do 4º ano, as perguntas eram simples e os alunos apenas marcariam com um x a resposta certa. Na primeira pergunta perguntamos como se sentiam quando ganhavam um livro de presente. Todos responderam que se sentiam felizes, só não sabemos se todos realmente já ganharam livros de presente, ou se é somente vontade de ganhar.

Na segunda indagamos como se sentiam quando gastava o seu tempo livre lendo. Doze responderam que se sentiam felizes, dois satisfeitos e um irritado. Mas será que esses doze responderam a verdade? Pois já é um pouco difícil gostarem de ler na escola, quanto mais fora em seu tempo livre.

A terceira pergunta foi se achavam que iam gostar de ler quando fossem maiores. Quatorze responderam que sim e um que não. Dessa forma entendemos que é muito importante que a maioria pensem que sim, pois a leitura é essencial para toda a vida, como nos diz Martins (1994, p. 25) “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”. Isso significa que é através da leitura que se dá todo o processo de aprendizagem das pessoas.

Na quarta questionamos como se sentiam quando iam a uma livraria. Treze responderam que se sentiam felizes e dois satisfeitos. Nesse sentido podemos indagar será que eles ficam felizes pelos livros ou por outros materiais que existem ali? Mas por outro lado também podemos pensar que ficam felizes, pois em uma livraria quase tudo é novidade e crianças gostam de novidade.

Na quinta pergunta indagamos como se sentiam quando alguém lia uma história para eles. Doze responderam que se sentiam felizes, dois tristes e um satisfeito. Nesse sentido entendemos que as histórias são muito importantes para a atenção dos alunos ao mundo da leitura. E em quase todas as famílias dos alunos há algum tipo de livro, para que os mesmos tenham acesso antes de ingressar na escola. Complementando o que foi dito Dalla Zen (1997, p. 120) afirma “Poucos livros (na maioria didáticos), algumas revistas e, principalmente a leitura em quadrinho (os gibis) compõem o acervo bibliográfico das famílias”.

Já na sexta perguntamos se quando iam a casa de um amigo gostavam de ler os livros dele. Onze responderam que gostavam muito, três que gostava um pouco, mas não muito e um que não gostava de maneira alguma. Nessa questão não sabemos realmente se responderam a verdade, pois geralmente as crianças quando vão a casa de um amigo o que menos gostam é de ler, a não ser que sejam histórias em quadrinhos, ou alguma novidade.

A sétima pergunta foi como se sentiam quando liam poemas para eles. Onze responderam que gostavam muito e quatro que gostavam um pouco. Nessa questão vale lembrar que mesmo que as crianças não tenham acesso em casa a poesias, é papel da escola possuir livros de poesias. Teberosky e Colomer (2003, p. 163) afirmam: “Os temas das histórias também vão-se ampliando, fazendo com que apareça a avaliação moral da perspectiva em que os temas são abordados”. Isso significa que os professores devem trabalhar as histórias e os temas das histórias para estimular os alunos ao hábito da leitura.

Quanto ao inventário de interesses os mesmos quinze alunos responderam, só que dessa vez não era mais para marcar um x, era para completar por escrito. Na primeira questão perguntamos o que adoravam ler. Sete responderam que eram livros; quatro que eram histórias, não especificaram qual; três que eram histórias em quadrinhos; e um que era texto. Nesse sentido

entendemos que as leituras variam e que cada criança gosta de leituras diversificadas, isso é muito importante para o seu desenvolvimento.

Na segunda indagou-se sobre o que gostavam de escrever. Nove responderam que eram sobre histórias; três sobre poesias; um sobre ciências, por causa dos bichos; um sobre si mesmo; e um sobre a turma da Mônica. Daí entendemos que é através da diversidade de textos que as crianças adquirem conhecimentos e experiências sobre a escrita. E a escrita é tão importante quanto a leitura. Cagliari (1995, p. 149) chama atenção a esse ponto, para ele: “A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita é a leitura”. Nessa forma leitura e escrita caminham juntas numa mesma direção.

Já na terceira questionou-se o que queriam escrever um dia. Sete responderam que era um livro; cinco que era uma história; dois que era poesias e poemas; e um que era uma música. Diante dessas respostas, entendemos que esses alunos gostam de escrever mesmo, só não sabemos se estão falando a verdade, e se vão cumprir o que disseram.

Na quarta perguntamos quando eles ficavam entretidos. Sete responderam que eram quando liam livros; dois, quando não liam; dois quando desenhavam; três, quando brincam; e um quando vê as estrelas. A quinta pergunta foi qual era o programa favorito da tv. Oito responderam que era Pica-pau; três, Chaves; dois, Bom-dia e Companhia; um, Xuxa; e um, Globo Esporte. Diante dessas respostas sabemos também que é muito importante a criança ter acesso a programas de televisão, desde que sejam apropriados, pois estimula mais a sua atenção e o seu desenvolvimento.

Na sexta questão indagou-se o que aconteciam quando estavam lendo. Cinco responderam que gostavam muito; quatro não gostavam; três, ficavam alegres; dois, aprendiam mais; e um prestava muita atenção. A sétima foi em que eles gostam de usar o tempo livre. Seis responderam que era brincando; cinco, estudando; três, lendo; e um escrevendo. Diante das respostas entendemos que nem todos os alunos gostam muito de ler, mas isso não é espantoso, é apenas mais um desafio para o educador.

A oitava pergunta, questionamos quando tinham dificuldades em entender uma leitura. Nove responderam que era quando estava difícil; três, quando estavam tristes; dois, quando estava apagada; e um quando estava nervoso. Nesse sentido entendemos que a leitura tanto deve ser legível, quanto de fácil entendimento para a criança, Só que não podemos deixar de considerar as leituras difíceis, estas serão mais um desafio para a criança.

A nona pergunta era sobre o que achavam das historinhas. Seis responderam que eram boas; três, que eram bonitas; três, que eram engraçadas; dois, que eram legais; e uma, que era verdadeira. Com isso entende-se que todas as crianças gostam de historinhas, e às vezes, ainda pensam que são verdadeiras.

Na décima indagamos quando leriam mais. Sete responderam que eram se tivessem mais livros; quatro, se as histórias fossem mais engraçadas; dois se tivessem mais tempo; e dois se fossem maiores. Já a décima primeira questionou-se o que aconteciam quando liam em voz alta. Seis responderam que gostavam muito; seis, erram; dois sentem vergonha; e um aprende mais. A décima segunda, foi o que achavam dos livros de estudo. Cinco responderam que eram importantes; cinco bons; três amigos; um criativo; e um respondeu que era o seu futuro.

De acordo com as respostas, entendemos que essas crianças são muito criativas nas respostas, com relação a décima pergunta, acho que os mesmos inventaram desculpas para o hábito da leitura, e nas demais entende-se que eles valorizam a leitura em voz alta feita em sala e os livros de estudo. A décima terceira pergunta foi o que acontecia quando liam em silêncio. Onze responderam que gostavam muito; três, que aprendiam mais; e um que não gostava de leitura feita em silêncio. Nesse sentido conclui-se que a maioria também gosta e valoriza a leitura feita em silêncio.

Na décima quarta questão perguntamos se tivessem de recomendar um livro, qual escolheriam. Seis responderam que era matemática; cinco, português; um, história; um, ciências; um, chapeuzinho vermelho; e um histórias bíblicas. Diante dessa questão podemos indagar, Será que eles gostam tanto dos seus livros didáticos quanto dizem? Ou será que é falta de opção da parte

de alguns? Se eles realmente gostarem o quanto dizem é uma maravilha, pois com certeza serão ótimos alunos.

Na décima quinta questão indagamos o que achavam dos jornais. Seis responderam que achavam bons; quatro, achavam legais; quatro, uma perda de tempo; e apenas um achava muito importante. Diante dessas afirmativas, vale lembrar que o jornal é um recurso que deve ser utilizado pelo professor em sala. Para Weisz (2002, p. 51) “um instrumento poderoso para um professor que pretende ampliar o horizonte cultural e o repertório de informações de seus alunos é o jornal”. Isso significa que mesmo que a criança não tenha acesso à jornais em casa, a escola é um dos espaços privilegiados para esse acesso, e o professor é um mediador para o processo de informações.

E por último questionamos se eles tivessem de viver em uma ilha deserta, quais livros levariam. Cinco responderam que eram livros de português; três livros de matemática; quatro livros de português e matemática; um, livros de matemática, história e ciências; um, livro de João e Maria e os três porquinhos; e um do valente e o pé de chocolate.

Diante de todas as respostas dadas pelos alunos, conclui-se que eles não gostam muito de ler, tanto quanto deveriam, mas um pouco de esforço da parte do professor será essencial para um melhor desenvolvimento de suas aprendizagens.

### **3.6 Análise dos dados do estágio**

O estágio foi realizado com uma turma de 4º ano, nele foram trabalhados leituras de diversos textos, já que o referido tema é o aprendizado da leitura.

Durante a primeira semana trabalhamos com várias leituras de textos. Uma delas foi a letra da música: “E eu com isso?”, no qual entregamos a letra dessa música a cada educando, cantamos, daí foi feita a leitura individual, a partir daí constatamos que alguns educandos tem muitas dificuldades na leitura.

Para trabalharmos com o conteúdo pronomes, utilizamos o texto: “Psiu... Bom dia... Boa tarde... Boa noite”. Pois depois da explicação do conteúdo, entregamos a cada educando o referido texto e pedimos que cada um identificasse os pronomes ali existentes. Nessa mesma semana também utilizamos um texto que falava da história da Festa do Rosário, já que estava em sua época.

Já na segunda semana, pedimos que cada educando fizesse uma produção textual da Festa do Rosário e lesse em voz alta para a turma. Utilizamos o texto: “A vida”, pois identificamos os números, daí partimos para o conteúdo divisão, no qual trabalhamos através de objetos concretos. Também nesse mesmo texto falamos do aborto, já que tinha sido o lema discutido no novenário de Nossa Senhora do Rosário.

Para trabalharmos o conteúdo animais, utilizamos o texto: “Bichos e algumas curiosidades”, nele trabalhamos a leitura e a interdisciplinaridade de português e ciências. Utilizamos também o texto: “Cidadania e Meio Ambiente”, no qual foi lido, discutido e debatido em sala de aula.

Na terceira semana trabalhamos com leituras de textos diversificados, no qual entregamos a cada educando um texto diferente, daí pedimos que lessem e respondessem por escrito a interpretação. Foi uma atividade muito satisfatória e todos participaram.

De acordo com essa atividade de leitura Bacelar e Cunha (2000, p. 50) ressaltam “dependendo do propósito com que lemos, utilizamos diferentes estilos de leitura. O estilo ou modo de ler é determinado não só pelo propósito do leitor como também pelo tipo de material que vai ser lido”. Com isso entendemos que existem diversos estilos de leitura, dependendo do que está sendo lido. Assim cada estilo exige um tipo de leitura, seja lenta ou veloz.

Nas aulas de matemática trabalhamos com o conteúdo frações através da explicação e de objetos concretos. Também foi feito o estudo do texto: “Escola dos animais”, a partir daí trabalhamos o conteúdo animais em extinção. Os educandos fizeram pesquisas dos tipos de animais de acordo com a sua classe e de animais extintos.

Durante essa mesma semana aplicamos uma avaliação de geografia sobre relevo e rios da Paraíba. Explicamos também um pouco da história de alguns paraibanos que se destacaram em nosso estado. E com os temas transversais, pedimos a cada educando uma produção individual envolvendo desenho e pintura sobre o tema: “Colgate”.

Na quarta e última semana do estágio, trabalhamos com a fragmentação do texto de “Chapeuzinho vermelho”, onde fizemos a leitura em voz alta para os educandos, entregamos um fragmento da história a cada um e pedimos que montassem toda a história em seqüência e lessem novamente. Foi também uma atividade muito significativa, pois algumas crianças ainda não conheciam toda a história.

Nessa concepção Cagliari (1995, p.172) nos diz que: “a leitura deve variar de acordo com o texto”. Isso significa que no decorrer das aulas as leituras variam muito, para isso o professor deve trabalhar com diversos tipos de textos para assim tornar o ensino significativo.

Além disso, foram trabalhados ditados de palavras, frases e objetos, aplicamos uma avaliação de ciências sobre animais, já que foi um conteúdo bastante discutido. Utilizamos cartazes e realizamos pesquisas envolvendo os conteúdos: pontos turísticos da Paraíba; e clima, vegetação e economia da Paraíba. Foram realizadas as leituras dos textos: “Oração de estudante, direitos e deveres básicos do estudante”, e algumas fábulas. As leituras tanto eram individuais, quanto coletivas, e em quase todos os conteúdos a serem trabalhados nos dias se partia de um texto.

Enfim, foi um trabalho bastante proveitoso que realizamos durante o estágio, no qual pudemos constatar que alguns alunos possuem muitas dificuldades de aprendizagem de leitura. Talvez por não serem trabalhados tanto quanto deveriam, ou por estarem fora da faixa etária e até mesmo por falta de apoio da parte dos pais e pela falta de disciplina de alguns. Mas apesar de todas as dificuldades encontradas durante o estágio, entendemos que o mesmo nos servirá de experiência e aprofundamento para a nossa vida escolar.

## Considerações Finais

Diante do tema em estudo entendemos que no universo das escolas, ainda existem muitos educandos que enfrentam dificuldades de aprendizagem na leitura. Com isso existem muitos fatores envolvidos nessa questão, o problema pode estar no intelecto da criança, no ambiente onde está inserida, ou até mesmo no ambiente escolar, pois apesar de tantos debates, a leitura ainda não é explorada e trabalhada cotidianamente em sala de aula.

No decorrer do trabalho vimos que é muito importante que o ensino da leitura seja bem trabalhado nas aulas, já que tudo depende dela. Para isso tivemos os pensamentos de vários autores a respeito do tema, como também algumas críticas às escolas, principalmente às públicas. Daí é fundamental que cada escola juntamente com seus professores e demais segmentos, repensem melhor suas práticas pedagógicas, para que assim venham amenizar os problemas ali existentes.

Nessa concepção é importante focar que não é só dever das escolas e dos professores se preocuparem com o ensino da leitura para com seus educandos. Mas também dever dos pais ou responsáveis acompanhar de perto o desenvolvimento da aprendizagem dos seus filhos, ensinando tarefas de casa, participando de reuniões, eventos e demais coisas no que diz respeito à escolarização.

Além disso, vimos também que além dos cursos de formação inicial, seria mais proveitoso que os educadores tivessem cursos de formação continuada. E que cada escola possuísse uma biblioteca para que os educandos tivessem mais acesso ao mundo da leitura.

O tema estudado requer muitos conhecimentos, dedicação, responsabilidade e uma boa formação da parte do educador. Requer também um planejamento coletivo dos professores com toda a equipe pedagógica da escola, para assim discutir e tentar solucionar as dificuldades enfrentadas por cada educando. Além do mais, é importante lembrar que seria necessário que em toda escola existisse um psicólogo, visto que, algumas crianças que apresentam dificuldades necessitam de um acompanhamento especial.

Enfim foi um trabalho muito significativo que realizamos no curso e na disciplina, que é de fundamental importância para um maior aprimoramento dos nossos conhecimentos. E enquanto educadores, no qual estamos sendo formados, que conscientizemos da necessidade de conhecer e trabalhar esse tema em sala de aula, contribuindo dessa forma para a redução das dificuldades de aprendizagem de leitura que tanto impedem e atrapalham a aprendizagem das crianças.

## Referências Bibliográficas

BACELAR, Lucidalva Pereira e CUNHA, Maria Josenilde Costa. **Metodologia do Ensino de Português:UVA**. Fortaleza/CE, 2000.

BORUCHOVITCH, Evely. Dificuldades de aprendizagem, problemas motivacionais e estratégias de aprendizagem. In: BORUCHOVITCH, Evely, SISTO, Fermino Fernandes (orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis:RJ: Vozes, 2001.pp. 40-55.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

CAGLIARI,Luis Carlos. A leitura.In: **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1995. pp.147-181.

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

DEHZOICOV, Demétrio. Desafios para o ensino de Ciências. In: **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007. pp. 31-42.

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: Nóvoa, Antonio. **Profissão professor**. Portugal, Porto Editora, 1992. pp. 93-124.

FONTANA, David. Aprendizado. In: **Psicologia para professores**. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti. Edições Loyola, São Paulo, 1998. pp.155-193.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Vanderley (orgs). Prática da leitura na escola. In: **O texto em sala de aula**. São Paulo: Ática, 2005. pp. 88-99.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Artmed, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Pesquisa Educacional: O prazer de conhecer**. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, UECE, 2001.

NÓVOA, Antonio. O passado e o presente dos professores. In: Nóvoa, Antonio. **Profissão professor**. Portugal, Porto Editora, 1992. pp. 13-34.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. Dificuldades subjacentes ao não aprender. In: BORUCHOVITCH, Evely, SISTO, Fermino Fernandes(orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. pp. 79-83

SISTO, Fermino Fernandes, Dificuldades de aprendizagem. In: BORUCHOVITCH, Evely, SISTO, Fermino Fernandes(orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. pp. 19-35.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.

TEBEROSKY, Ana e COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista.** Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e aprendizagem: 2ª ed.** São Paulo: Ática, 2002

# ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

## **GESTOR**

**NOME:**

**TEMPO QUE TRABALHA EM EDUCAÇÃO:**

**FORMAÇÃO:**

### **QUESTÕES:**

1- Aqui na escola já foi desenvolvido algum projeto sobre leitura? Quando? Quais os resultados?

2- Como a escola enfrenta o tema: dificuldades de aprendizagem de leitura?

3- Como a escola prepara os professores para lidar com esse tema?

4- Existem reuniões com os pais para o esclarecimento desse tema?

## **PROFESSOR**

**NOME:**

**TEMPO QUE TRABALHA EM EDUCAÇÃO:**

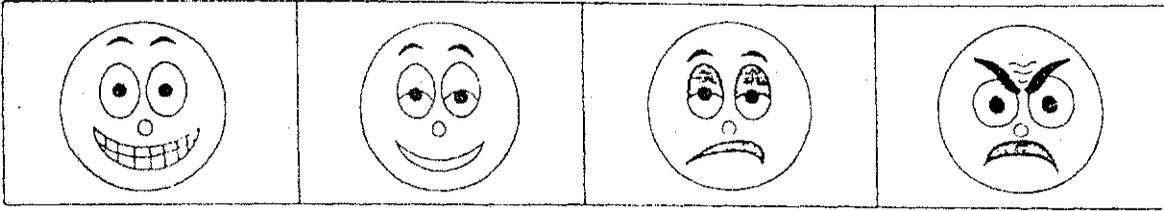
**FORMAÇÃO:**

### **QUESTÕES:**

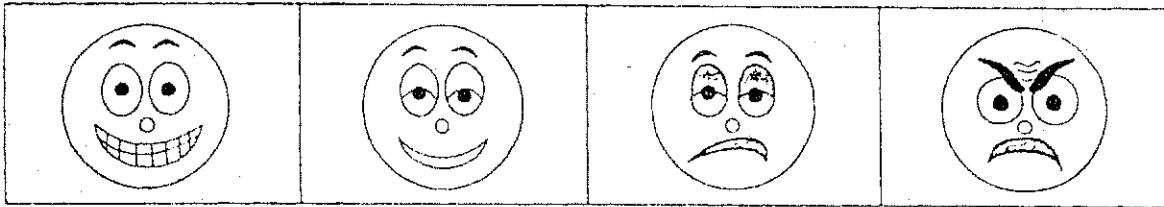
1. Em sua sala existem alunos que possuem alguma dificuldade de leitura?
2. Como você vê esse tema em sua prática pedagógica?
3. Qual metodologia seria mais adequada para utilizar em uma turma onde possui alunos com dificuldades na leitura?
4. Qual o papel do educador frente a essas dificuldades?

Nome..... Série.....

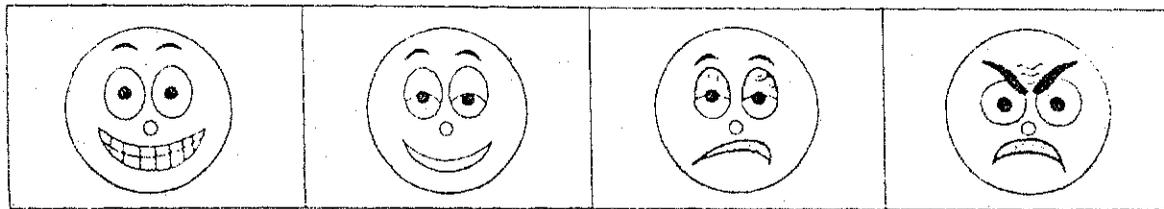
Como você se sente quando ganha um livro de presente?



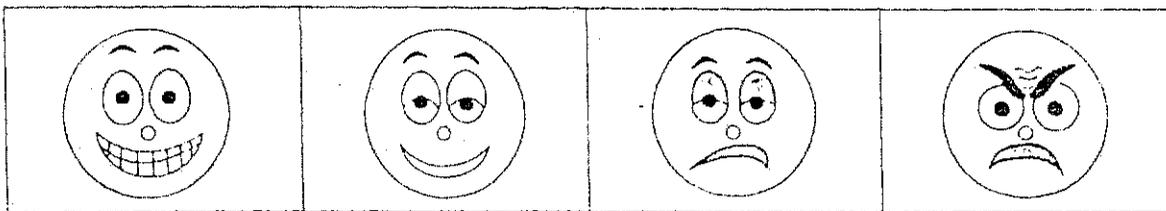
Como você se sente quando gasta seu tempo livre lendo?



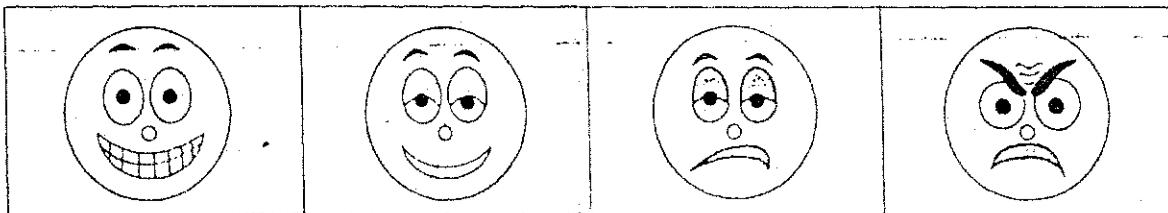
Você acha que vai gostar de ler quando for maior?



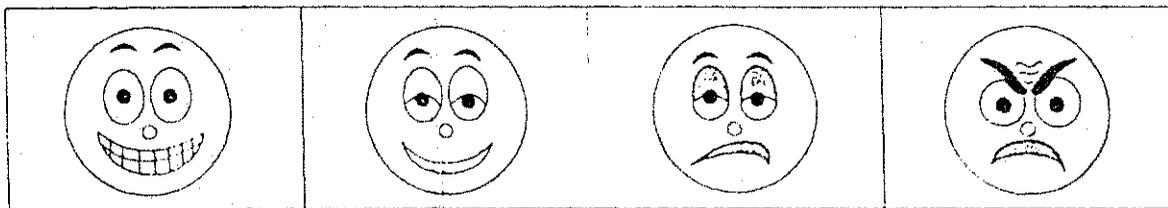
Como você se sente quando vai a uma livraria?



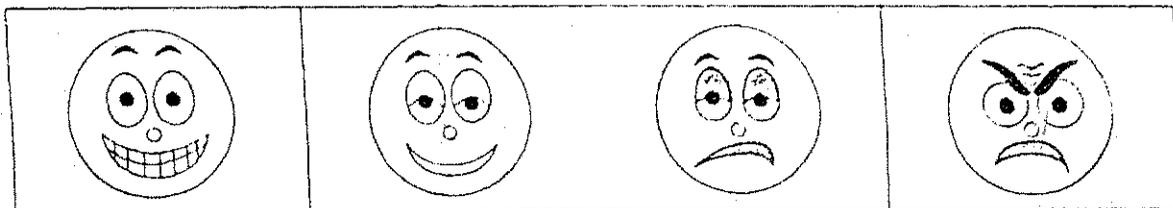
Como se sente quando lêem uma história para você?



Quando vai à casa de um amigo, gosta de ler os livros dele?



Como se sente quando lêem poemas para você?



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
GRANDEZINHAS - PARAIBA

**Inventário de interesses.** Os inventários de interesses consistem em um número de afirmações que os alunos fazem por escrito ou oralmente durante as entrevistas. Outras vezes, como no exemplo apresentado a seguir, são feitas afirmações incompletas que os alunos devem completar oralmente ou por escrito.

Inventário de interesses
- Adoro ler...
- Gosto de escrever sobre...
- Um dia vou escrever...
- Fico muito entretido quando...
- Meu programa favorito na TV é...
- Quando estou lendo, eu...
- Gosto de usar meu tempo livre em...
- Tenho dificuldade de entender uma leitura quando...
- Acho que as historinhas são...
- Eu leria mais se...
- Quando leio em voz alta, eu...
- Para mim, os livros de estudo são...
- Quando leio em silêncio, eu...
- Se tivesse de recomendar um livro, eu escolheria...
- Acho os jornais...
- Se tivesse de viver um ano em uma ilha deserta, eu levaria os seguintes livros...

**Pauta de observação de atitudes diante da leitura**

	SIM	NÃO
- Pareceu contente durante às atividades de leitura?		
- Pediu para ler em voz alta espontaneamente nas aulas?		
- Leu algum livro durante seu tempo livre?		
- Mencionou ter lido algum livro em casa?		
- Escolheu a leitura em vez de outras atividades (baralho, pintar, conversar, etc.)?		
- Pediu permissão para ir à biblioteca?		
- Pediu livros emprestados na biblioteca?		
- Leu a maioria dos livros até o final?		
- Mencionou livros que tem em casa?		

FONTE: Giasson e Thériault, 1983.